

A LUTA CONTRA O RACISMO E A NOVA AGRESSÃO FASCISTA

LA LUCHA CONTRA EL RACISMO Y LA NUEVA AGRESIÓN FASCISTA

THE FIGHT AGAINST RACISM AND THE NEW FASCIST AGGRESSION

DOI: <https://doi.org/10.9771/gmed.v14i2.49868>

Wilson do Nascimento Barbosa¹

A revista *Germinar*, no sentido de ensejar o debate sobre a realidade brasileira, apresenta a entrevista do Professor Wilson do Nascimento Barbosa. Instigante e polêmico em sua análise, o convidado discute os caminhos da filosofia da Práxis para compreender o racismo e o lugar do ódio étnico-racial em formações sociais contemporâneas. O autor não hesita em qualificar as lideranças fascistas e seus vínculos com o Estado burguês, além de refletir sobre as classes dominantes brasileiras, recuperando o debate acerca da formação de uma burguesia nacional. Barbosa também aborda a condição da classe trabalhadora diante do avanço neoliberal e do processo de fascistização em curso no país. Por fim, traz uma análise da atual ofensiva imperialista e do ascenso da extrema direita, apontando para a necessidade da luta antirracista e anticapitalista no século XXI.

Wilson do Nascimento Barbosa é doutor em História pelo Instituto de História Econômica da Universidade de Lund - Faculdade de Ciências Sociais – Suécia – e professor aposentado da Universidade de São Paulo. Barbosa tem uma importante trajetória de militância no campo da esquerda revolucionária e contribuição científica sobre a questão racial no Brasil. Entre suas publicações, a *Germinar* destaca: **Balço da Economia Brasileira: 1940-1980** (LCTE Editora, 2006); **Cultura Negra e Dominação** (Editora Unisinos, 2002); **O Caminho do Negro** (Cámara do Livro, 1999).

Nas linhas que seguem o professor Wilson Barbosa se posiciona a respeito da realidade brasileira, sem furtar-se aos temas polêmicos e conjunturais. Boa leitura!

Germinar: Considerada a sua trajetória acadêmica e política, como o racismo deve ser compreendido para ser efetivamente enfrentado? Qual o lugar do ódio étnico-racial no projeto fascista?

Wilson do Nascimento Barbosa: Por certo a condição primária de todos os trabalhos científicos dá-se pelo fato de que todos eles sejam, necessariamente, objetivos. A necessidade decorre de que se deva encontrar uma solução procurada que torne compreensível um problema, ou um feixe de relações capaz de impedir o avanço antes que se dê o entendimento. A realidade que se vai dar com tal entendimento é a probabilidade que se ignorava no nó, a arrumação agora dos diferentes passos que permitem o entendimento do que antes não era apto a ser entendido.

Dessa forma, os resultados da pesquisa científica sempre expressam inevitáveis manifestações e uma realidade material fora do conhecente, que só se torna compreensível na extensão mesma do método de abordagem empregado. A correta elaboração ou escolha do método se impõe como uma tarefa que exprime a existência do conhecente, a objetividade de sua existência e a objetividade da compreensão das relações agora acessadas.

Tão logo se imponha em qualquer esfera do saber o esforço de compreensão da objetividade do buscado ou do observado, se impõe a percepção ou descoberta de sua materialidade e das formas contraditórias como ela se afirma. Que as coisas se transformam pela oposição que se dá nelas mesmas – o princípio da contradição – afirma e traz à tona tanto sua objetividade quanto sua materialidade.

A abordagem científica sempre procura destacar a unidade do objeto em investigação, mas não pode se colocar para lá da unidade que se expressa na existência objetiva do objeto abordado. O conhecimento, portanto, se nutre da objetividade da existência das relações dos fenômenos para ser construído. E tais descobertas permitem ao conhecimento construído avançar através de novas abordagens.

Esta contradição que se vê, portanto, expressa no movimento de todas as coisas para que elas se deem, isto é, para que elas existam, possui um duplo desenvolvimento: (a) enquanto fato universal; (b) enquanto fato particular. No processo de desenvolvimento de cada objeto (ou coisa) que existe, tal existe enquanto movimento de componentes que se opõe, isto é, que são forças opostas.

Esta manifestação da contradição na inerência das coisas é a causa interna e o fundamento de tudo que se situa na materialidade, e da multidão de diferenças que se criam e se finam ao longo da história de todos os objetos (generalidade; universalidade). Daí que seja importante investigar - por exemplo, nas ciências sociais – a manifestação geral e a manifestação particular de cada (e de todos) fenômeno, aparentemente apenas singular, erradio, ou passageiro. Quando olhamos para um fenômeno que parece pobre, um discurso, expressão de necessidades puramente locais, quando no seu estudo nos aprofundarmos, descobriremos relação, relações, nós, cruzamentos que o alçam, na verdade, da singularidade a traços mais gerais.

Poderá até tratar-se de uma generalidade, fruto da árvore do colonialismo, alimentado por rios de seiva da exploração globalizada, uma força de vastas proporções. Nenhum racista se formou e se consolidou ouvindo alguma rádio de ondas curtas – ele é resultado de um processo histórico

universal, uma coisa mediada e complexa, cujos fundamentos dão volta como um emaranhado no eixo terrestre e traz certo peso negativo à carreta da história.

Portanto, na luta contra o racismo não podemos nos conter em uma interpretação localista e isolada, numa crítica que envolve apenas alguns membros de um dado partido político, ou se esconde nesta ou naquela instituição. Devemos conhecer-lhes a semente e como ela se espalha, devemos estudar a contradição particular e como ela se determina enquanto objeto.

O conhecimento do mundo como ele realmente é requer o abandono das ilusões e o preparar-se para enfrentar a luta social de setores inteiros que vivem da exploração do próximo e que não desejam ceder coisa alguma para o próximo, mas manter – e até mesmo expandir - seus direitos e privilégios. A existência dessas hostes acirradas, preparadas e competentes – as classes dominantes – requer que aqueles que não dominam tomem ciência da materialidade de tais forças, e busquem: (a) compreender o seu próprio papel na vida; (b) organizar-se para defender seus próprios interesses, aceitando a materialidade do mundo. Cabe, portanto, recordar que a contradição se manifesta como particularidade em cada qual das formas de movimento da existência objetiva (dos fenômenos de que você faz parte).

O pensamento de esquerda em geral admite dois momentos na política: (a) um momento científico, em que se analisam as forças em presença, como elas estão historicamente constituídas e quais seus objetivos no quadro presente; (b) um momento artístico, em que o comando de um dos campos de força presente escolhe as táticas, o entrelaçamento das táticas e o desdobramento das ações possíveis no tempo e no terreno.

No desenvolvimento da teoria revolucionária,—analisa-se repetidas vezes a experiência conhecida desde os fatos históricos passados e sua correlação com a contradição particular atual e busca-se, nesse processo de interpretação o ponto nodal, a circunstância que concede aspectos universais à oportunidade de uma iniciativa.

Na análise das respectivas conclusões da prática internacional procuram-se os passos atuais necessários às sucessivas táticas a aplicar. A defesa do movimento trabalhador e suas alianças fundamentais, com a massa de pobres e camponeses com pouca ou nenhuma terra, leva diretamente à importância da luta antifascista e ao esforço para bloquear a expansão do ódio racial e étnico dos fascistas contra as maiorias populacionais:

No campo do inimigo de classe, passa-se – de forma consciente sob outras formas – um processo de concepções sobre a luta, a escolha dos inimigos e dos resultados a obter. Pode-se observar do campo burguês – e do lumpen fascista a ele associado – inúmeras manobras para empobrecer os pobres, imiserar os trabalhadores, piorar as condições de vida da maioria etc., amealhando como contrapartida massas crescentes de riqueza que se negam a dividir com quem quer que seja.

O projeto nazifascista é a escravização e a destruição física de larga parcela da humanidade.. A burguesia que lhe põe comida no bico dá de ombros, e considera o fascismo um mal menor, quando se lembra que por 100 anos foi obrigada a negociar com o movimento trabalhador.

Renegando a tudo que foi elaborado pelo processo revolucionário mundial, a grande burguesia prefere o ambiente da guerra quente às escaramuças políticas das reformas sociais. Os elementos estruturais da história mundial estão por ela ignorados ou postos de lado. Ela prefere dar armas ao lumpen e ouvir-lhe os ruídos de ódio racial com que se arremessa contra esta ou aquela nação pobre. Nos anos recentes (2016-2022) escolheram o Brasil para suas estrepolias.

Germinal: Sob sua perspectiva, como surgem lideranças fascistas e quais seus vínculos com o Estado burguês e o imperialismo?

Wilson do Nascimento Barbosa: O doutrinário fascista decorre de um encontro acidental, de um amálgama de ideias de diferentes sistemas que foram derrotados ao longo da história, no processo real da vida dos povos. Este lixo gerado por velhas concepções caídas em desuso e juntado aqui por elementos despeitados – cheio de ódio pelas derrotas alcançadas – é posto uma vez mais a caminhar, como um pacote de invencionices e mentiras, a serviço fácil dos mais ricos membros das classes dominantes.

A matéria primeira do fascismo é o indivíduo alienado, cheio de soberba e ignorância, que se julga, portanto, superior à maioria da população. Esse tipo de gente cheio de soberba e dotado de preguiça intelectual, incapacidade de estudo e portador de ódio contra outros é a matéria prima do fascismo.

A análise de diferentes tipos de fascismo comprova que seus chefes são indivíduos sem escrúpulos, manipuladores e em busca de uma vida fácil. Enganam deliberadamente seus seguidores, a que apresentam explicações irracionais, arrancadas do passado ou, simplesmente, inventadas. Os fascistas facilitam sua ascensão ao poder, colocando-se a serviço das classes dominantes, que os usam para violar os direitos dos pobres e dos trabalhadores e destruir a ordem democrática. A clássica definição de “líder fascista” é aquela que foi dada a Mussolini: “o fugitivo da insignificância”. O fascista quer sempre galgar o poder, seja como for. Quando no poder é capaz de tudo para aí manter-se. Como não possui uma base social sólida, o fascista necessita jogar com argolas, violar toda e qualquer instituição, praticar qualquer tipo de vileza.

Para o fascista, veja-se Mussolini, só importa o poder pessoal. A sofreguidão insaciável pelo poder expressa a paixão desmedida per si mesmo, a incapacidade para corrigir-se e o carreirismo desenfreado. Quando um Estado burguês cai na mão de um punhado de fascistas, vê-se a profundidade da crise que estava sendo ocultada pela classe dominante. Esta classe,-é capaz de entregar

o poder político a um paranoico, um psicopata ou um sociopata. O poder então se exerce como uma ditadura de elementos doentes, incapazes de atos progressistas ou racionais.

O fenômeno das redes sociais na internet forneceu pelo mundo afora a oportunidade que essa faixa de bajuladores do poder burguês esperava, para se apresentar como “salvadores da pátria” e exploradores das ideias em voga – verdadeiro suco da ignorância – em larga escala. Financiados por diferentes formas de crime e pelas classes dominantes, os fascistas garantiram sua volta pela justificação e valoração positiva que vieram a fazer de cada crime dos imperialistas, em sua ofensiva “globalizadora”. Puderam assim se colocar como uma nova bandeira a serviço do imperialismo: a “falsa bandeira”, os cães de fila da guerra assimétrica.

Recordemos Mussolini: “O imperialismo é o fundamento da vida de toda nação, que enfrenta as necessidades de expansão espiritual e econômica”. Desta feita, a formulação neocolonial exigida pelos chefes do centro imperialista aos aderentes fascistas é que – na periferia do sistema – se dediquem a criar falsos Estados nacionais, com a eliminação do processo de industrialização e o bloqueio dos direitos humanos e da defesa do meio-ambiente no plano local. Esse “falso nacionalismo” só pode ser produto da guerra assimétrica e de sua “falsa bandeira”.

Germinar: Como as classes dominantes brasileiras se movimentam entre o nacionalismo e o imperialismo? Quais as repercussões do avanço neoliberal e do processo de fascistização no país para a classe trabalhadora?

Wilson do Nascimento Barbosa: Como classe subalterna que é do imperialismo, a classe dominante local pode daqui retirar seus lucros e dividendos e colocá-los nos paraísos fiscais ou gastá-los na Disneylândia, enquanto o povo local se chafurda na violência policial, no crime, no desemprego e na miséria. Enquanto isso, as principais empresas do país, o patrimônio público construído com o dinheiro do povo etc., não sendo convertidos em estrangeiros, enquanto um resíduo desse processo de roubo vai parar no bolso dos fascistas de plantão. Como se disse de Mussolini, “Uma sucessão de atos contraditórios não revela o menor sinal de tomar em conta os verdadeiros interesses nacionais”. É claro que semelhantes fascistas-nacionalistas ameaçam aqui e ali em declarar guerra à Venezuela.

O Estado monopolista, ou protetor dos oligopólios, sob o qual hoje se vive, apoia com firmeza correntes políticas reacionárias, com habilidade comprovada para valorizar o movimento de ideias reacionárias entre o povo, tolhendo dessa forma a possibilidade da luta política civilizada entre as classes, com o desenvolvimento de certa “normalidade” democrática-burguesa.

Para viabilizar uma aliança tática recorrente com as camadas médias e a pequena burguesia, a estratégia da política econômica dos governos neoliberais consiste em: (a) contínua elevação dos preços das mercadorias e serviços; (b) máxima redução do mercado de trabalho, principalmente no nível da

produção. Ao “espremer” os trabalhadores e lançá-los na miséria, a estratégia neoliberal intimida a chamada “classe média”, reduzindo-lhe mês a mês o poder de compra no mercado. Tal intimidação é seguida pela “porta aberta” que deixa a esse setor social, criando formas de remuneração financeira para suas poupanças, quando aplicadas.

Torna-se evidente que a chamada “classe média” corre para tais aplicações, tornando-se seu poder de compra cada vez mais dependente – para se manter – da estreita cooperação político-econômica entre a grande burguesia, o governo reacionário disfarçado de liberal e a infame “classe média”. Completa-se, assim, em cada Estado da “civilização ocidental” o isolamento político-econômico da classe trabalhadora e dos camponeses pobres. No Brasil, por exemplo, os direitos dos trabalhadores – como o direito de greve, de manter sindicatos etc. – é confiscado por uma justiça repressiva e reservado para forças e camadas sociais de repressão ou de extrema direita, como a polícia, altos funcionários públicos etc. A democracia burguesa, nessas condições, torna-se apenas uma fachada de governos neoliberais autoritários, onde são raras as práticas efetivamente democráticas.

No entanto, esse quadro social pode tornar-se ainda pior. Os preços do mercado financeiro expressam uma especulação desenfreada, que se torna pior aqui e ali – tais preços não guardam qualquer relação com as condições reais da economia, sendo que os capitalistas na produção também terminam apenas interessados na reprodução nominal do seu dinheiro, limitando-se a manter suas empresas funcionando, sem a preocupação de melhorá-las.

Por outro lado, o enfraquecimento do caráter democrático do Estado, que leva ao desespero das massas empobrecidas, é utilizado pela rala fascista como instrumento para sua ascensão política. Os golpes periódicos e sucessivos dos grandes especuladores no mercado financeiro ampliam as flutuações econômicas, bloqueiam o crescimento econômico e inviabilizam políticas de melhorias sociais.

Cria-se, deste modo, o caldo de cultura que é ideal para a ascensão local do fascismo, em um ambiente de ódio racial, falsas promessas e desespero de várias camadas da sociedade. O país em questão, se tem uma esquerda fraca, está pronto para um ou mais golpes de Estado e o aberto doutrinamento fascista. Trata-se – como acontece no mercado financeiro – de tapear a plateia o tempo todo. Para consegui-lo, a perseguição aberta aos elementos democráticos, o uso da mentira, da calúnia e da difamação tornam-se peças do cotidiano.

Os efeitos inflacionários da redução ou eliminação de impostos para ricos, a queda da poupança, ou sua remuneração fictícia; o consumo conspícuo dos ricos, dos narcotraficantes e dos saqueadores do Estado; a queda dos investimentos produtivos no longo prazo; a queda das taxas de emprego e de crescimento indica uma sociedade posta à matroca e a ascensão política do fascismo. A estagflação, o desemprego maciço e a fascistização das instituições substituem a ética do trabalho, a livre iniciativa e a responsabilidade pessoal. Os salários cada vez mais baixos e a concentração dos

impostos e taxas sobre os pobres elevam os ganhos e o consumo dos ricos, dando-se nova e brutal concentração de riquezas com forte recuo na redistribuição de renda. A economia brasileira é hoje 80% em serviços; o setor industrial reduziu-se a 9% (em 1930 era 30%).

O neoliberalismo requeitado põe-se a serviço do fascismo. O neoliberalismo mantém seu programa sob o fascismo local, qual seja, eliminar “os obstáculos” ao enriquecimento dos “mais capazes”; minimizar a segurança social e física dos trabalhadores; liquidar os impostos empresariais para as pessoas mais ricas; eliminar direitos sindicais e lei protetoras da saúde.

Caso se examine os governos resultantes do golpe de 2016 no Brasil, Temer e Bolsonaro avançaram muito na pauta neoliberal e no processo de fascistização no país. Coadjuvada pelo conformismo do neopentecostalismo, a consciência individual dos brasileiros sofreu forte recuo quanto ao interesse social e a luta antirracista. Envenenada pelo ódio racial, a igreja neopentecostal tornou-se mais um artefato na propagação do doutrinário fascista e anti-humano no país. Tal igreja é uma das “gazetas ideológicas” vigentes no Brasil.

Germinar: como pensar a atual ofensiva imperialista, o ascenso da extrema direita e a capacidade de organização de uma luta antirracista e anticapitalista no século XXI?

Wilson do Nascimento Barbosa: A criação de condições desfavoráveis de vida para a grande maioria da população encontra seus fundamentos no medo das forças sociais dominantes, cujos elementos componentes temem retornar à condição de vida de seus antepassados, que – antes de imigrar – viveram na miséria, às vezes, mais extrema.

A miséria levou à imigração, não raro até obrigada a ocorrer pelos elementos dominantes na pátria de origem, que os vendia para os países importadores de força de trabalho, embora tais – de fato – deportados, não fossem formalmente escravos. Esses imigrantes, ao serem cortados de sua própria sociedade tornaram-se, nos novos territórios, instrumentos desprovidos da cultura local, meros ponta de lança da neocolonização da potência que para ali os enviou. Começam no local como simples empregados dos patrões que os importaram, mas – por motivos étnicos – com tais se identificam. Suas funções e desígnios se inserem, pois de modo irracional na lógica da dominação externa e da dominação local.

Após as derrotas das revoluções democráticas de 1848-49, as burguesias europeias se aliaram com as aristocracias e expulsaram seu “excesso” populacional para suas periferias coloniais e semicoloniais.

No Brasil, a chamada “Nova Imigração” se estendeu de 1870 a 1970. A classe dominante luso-portuguesa local recebeu tal reforço para enfrentar a “crise da escravidão”, ou seja, a substituição da mão-de-obra escrava por trabalhadores europeus e asiáticos mais ou menos livres. Uma parte desses

imigrantes enriqueceu e se integrou nas classes dominantes locais, tornando a sociedade local um verdadeiro laboratório de tudo que é subalterno da chamada “civilização ocidental”.

O modelo de tal dominação é, cada vez mais, o racismo norte-americano: (a) uma dominação desprovida de raízes; (b) a cópia de tudo que existe de pior nos esquemas de dominação e de exploração da chamada “civilização ocidental”; (c) difusão do ódio racial e étnico e adoção de formas importadas de genocídio.

Uma vez que boa parte do racismo, além de ser uma “política pública” é algo de seu próprio fundamento – o medo – a denúncia de seus elementos efetivos na vida da sociedade é parte do processo de sua análise, compreensão e gradual superação.

A denúncia das deformações fomentadas pelo racismo é elemento importante para desmascarar práticas racistas na vida social. Tem-se observado, com a reaglutinação da extrema direita que acompanha a crise da dominação norte-americana no mundo, com a ascensão da China, um poderoso movimento de infiltração fascista do aparelho de Estado burguês – uma vez mais – e a imposição, por toda a parte, de políticas provocadoras de guerra e de destruição de práticas e instituições democráticas.

Recordemos a difusão nos anos de crise de 2008, das escolas de subversão na antiga Iugoslávia, Itália, Colômbia e outras partes. Essas “escolas” treinaram ativistas na estratégia a guerra de “falsa bandeira”, com que avançaram em vários países, derrubando seus fracos governos e impondo a chamada “Primavera”. A pobreza do poder democrático burguês ficou caracterizada pela queda dos governos legais da Ucrânia e do Brasil, vítimas da primeira escolha estratégica da “falsa bandeira”. Como você se recorda, dizia esta escolha: “Se o governo (a derrubar) é fraco, vai-se acusá-lo de corrupção; se é forte, acusa-se de violação dos direitos humanos”.

Os governos da Tunísia, do Egito e da Líbia foram acusados de violações dos direitos humanos. Os governos da Ucrânia e do Brasil foram acusados de corrupção e – como já eram infiltrados desde dentro – “fracos”, foram simplesmente derrubados. A burguesia nacional do Egito, que é controlada pelo núcleo militar do exército dali, foi logo restaurada no poder por um contragolpe. A Líbia foi destruída como nação, sendo que sua principal aliada, a Itália, se omitiu em sua destruição – apesar do enorme prejuízo que teve com o fim de Gadafi –, para salvar a própria pele (“potência” de quinta categoria).

A Síria foi praticamente destruída por uma guerra civil, embora o seu governo nacional haja sido mantido pelos seus aliados russos. O poder destrutivo da guerra local de “falsa bandeira” pode ser avaliado pelas consequências que levaram na Ucrânia – racismo, limpeza étnica, anti-democratismo – a chegar até a presente guerra com a Rússia. A “destruição do próximo” não tem limites, quando o imperialismo se encontra em dificuldades. A destruição da Iugoslávia custou nos anos (19)90, 150 mil vidas.

A atual crise do imperialismo é muito grave – isso se verifica com o apelo dos poderosos a formas nazifascistas de golpe e intervenção, com a utilização em toda parte do estímulo ao ódio étnico, método que antes só utilizavam maciçamente na África. Ou seja, estão agora tratando todo mundo com o ódio étnico, método antes reservado para “pretos” e “amarelos”.

A centralização agressiva do ódio étnico, cuidadosa escolha do comando das forças imperialistas, fornece uma oportunidade para as pessoas progressistas em desmascarar a falsidade do “discurso democrático” dos ricos imperialistas. São todos “democratas”. No entanto, a mídia por eles controlada está posta a serviço da mentira e das formas racistas de dominação. A pessoa progressista deve não só denunciar as táticas usadas pela mídia (e muitas instituições) criminalizar as minorias e/ou maiorias como objeto do ódio étnico, como deve igualmente aproveitar tal oportunidade com vistas a educar politicamente as vítimas do ódio.

É preciso construir revolucionariamente as vítimas, mostrando de forma racional que elas são vítimas de um programa de dominação para impedir que cresçam como pessoas politicamente organizadas; um programa arbitrado pela dominação para manter a maioria na miséria e excluí-la do bem-estar material e do progresso social. Embora os racistas se apresentem como maioria, são sempre uma minoria bem organizada de exploradores do trabalho alheio e manipuladores da ideologia e das crenças de suas vítimas.

Mesmo no regime social do capitalismo, as forças produtivas estão sempre se transformando, e oferecendo novas oportunidades para mudanças na estrutura social, pela formação de nova riqueza. Os racistas procuram por todos os meios – incluído o assassinato – impedir que as camadas mais pobres da população se beneficiem do efeito de tais transformações, por via da criminalização dos mais pobres e de outros elementos sociais não-dominantes.

Esta criminalização que promovem dos Outros é o coroamento da estratégia de exclusão, com que os dominadores mantêm não só o controle da apropriação das velhas formas de renda, mas também das novas que se oferecem. No Brasil, criminalizar os negros e outros grupos, apresentando-os como bandidos e parasitas sociais é prática antiga, conservada e aperfeiçoada dia a dia pelos ricos e pelo Estado que os mesmos controlam.

O bombardeio ideológico das táticas de objetificação, imiserção e criminalização é tremendo de modo que as próprias vítimas introjetam tal discurso, passando a nele acreditar e contribuindo para desmoralizar a si próprios. As pessoas pobres, negras e humildes se julgam culpadas de crimes e atitudes que nunca cometeram.

Desse modo, a ruptura entre o discurso da dominação, sua ação social estúpida e nefasta, revela uma profunda dissociação entre os dominadores e os dominados, pondo a nu o caráter estrangeiro e estranho dos dominadores, como camadas sociais minoritárias que são completamente dissociadas das efetivas raízes do povo local.

Salta à vista que os objetivos dos dominadores não poderiam ser ancorados na realidade local, sem o recurso às metrópoles coloniais e neocoloniais, sem o recurso ao chamado *soft power* (poder suave), imposto espiritualmente pelos ricos aos pobres, pelos colonizadores aos colonizados. E imposto com a maior prepotência e arrogância possível, através de um pano-de-fundo de miséria ideológica, em que os escravizadores do Outro se apresenta lavadinho, de roupa nova, cabelos pintados como galos de terreiro, exercendo na mídia televisiva e escrita sua estratégia de exclusão.

A dominação brasileira – pobre de espírito e ignorante até de si mesma - lança mão ao vivo e a cores do poder real e visual das figurinhas das metrópoles, impondo modas, discursos, estilos e padrões da “cultura do centro” como o melhor modelos para adoção e prática das comunidades da periferia. A Disneylândia está certa, deve ser copiada e tudo produzido pelos criadores sociais da periferia deve ser abandonado e está errado.

É preciso observar a pobreza da cultura do homem branco em países como o Brasil. Tudo o que podem apresentar é a dinâmica da cultura a que pertence na Europa e no espaço dela dependente, a América do Norte (EUA e Canadá). Saídos desse modelo, tudo que a branquitude produziu no Brasil é o saque do território e a exploração do “negro” (pretos e indígenas). Daí o marco visível da pobreza espiritual do “homem branco brasileiro” e a sua efetiva redução à condição e simples “bandeirante”, ou seja, saqueador e criminoso. Sua presença doentia explica a alta taxa de violência da “sociedade brasileira”.

A formação de uma nova extrema direita no país, a partir dos restos da antiga monarquia, da catequese neopentecostal e do banditismo recuperado da passada ditadura militar, levou ao engano da multidão fascistizada que elegeu (pasmem) o atual governo do país de extrema direita. Tal governo, desde o primeiro dia, tem-se dedicado a políticas genocidas, como a luta contra a vacinação, o assassinato em massa de pretos e favelados pela polícia, etc.

A profunda alienação de uma população de miseráveis é o caldo de cultura favorável às políticas de fascistização. Cria o clima favorável à cegueira social, ao culto fetichista do dinheiro, com as pessoas comuns dando respostas erradas às suas próprias necessidades. A consciência da multidão se transformou em simples joguete das mídias televisivas e internáuticas. A própria multidão pratica a estratégia de exclusão que visa criminaliza-la, imiserá-la e destruí-la. Isso em escala mundial não se constitui uma novidade: é a prática do programa fascista e nazista: foi praticado na Europa nos anos (19)30 a (19)45. Está latente em toda a ideologia social dos países dominados pelo imperialismo. Não está só no Brasil, é também a ideologia política da Nigéria, da Indonésia, da Colômbia e das Filipinas por exemplo. O mal existe. Ele se revela nos objetos fetichizados pela alienação.

Dessa forma, pode-se compreender que a luta de classes assume formas mais graves quando as entidades neocoloniais se põem em marcha e põe em prática suas táticas do ódio étnico e racial. A mídia ocidental por toda a parte procura convencer as pessoas das maiorias raciais, que, se

abandonarem sua posição de classe, e se dedicarem à luta pela identidade, aí conseguirão melhorar seu posicionamento na escala de distribuição de renda.

Não existe contradição entre a posição de classe de alguém e sua possível luta pela identidade. Pelo contrário, no caso quase frequente, a consciência étnica é a antessala da consciência política. Ou seja, ao enxergar quem é e compreender onde se encontra, o indivíduo pode ver muito melhor sua condição de classe e perceber verdadeiramente a unidade possível dentro de um programa de luta política. Os negros, por exemplo, que têm consciência negra, sabem que nada podem esperar da burguesia que os explorou na escravidão e os explora hoje com o assalariamento. Da mesma forma se dá com qualquer dos problemas que afetam a busca social pela identidade.

O estudo das características das leis gerais perceptíveis do ser e do conhecimento de modo algum autorizam uma concepção do mundo que siga a ótica de negar-se a si mesmo e rebaixar-se ante a visão destruidora que busca inferiorizar a maioria. A história é feita pela maioria social e um povo não pode ser degradado – a não ser temporariamente – pelas táticas da ilusão fascista, dedicadas à espoliação.

Os brasileiros têm o direito de dignificar a si próprios, recebendo o valor de seu trabalho e participando da construção de um mundo melhor. No processo de sua atividade, os seres humanos tendem a aperfeiçoar cada vez mais suas relações recíprocas e construir positivamente o ambiente em que vivem. As pessoas percebem e tendem a melhorar suas noções de sociabilidade, as noções de valores e objetivos, desencadeando uma luta positiva, seja para produzir mais, seja para distribuir melhor.

Esta humanização crescente da esfera da prática social não pode ser destruída pela dominação fascista-capitalista, e o domínio do medo fabricado pelo grande capital e seus sequazes termina – ao fim de dado ciclo de poder – desbaratado. Foi assim que se deu, por exemplo, ao término da Segunda Guerra Mundial e é assim que se dará ao fim da presente crise, que caracteriza o ocaso da grande dominação da ordem norte-americana.

As pessoas que vivem do trabalho são capazes de afastar mentiras e ilusões e chegar a compreender mentiras e ilusões espalhadas pela mídia burguesa e por políticos e pregadores astutos e corruptos. Após um certo período de mistificação e enganos, semelhantes facínoras terminam por ser desmascarados e as pessoas trabalhadoras deles se afastam, para buscar soluções coletivas para os seus problemas reais. O fundamento da formulação de ideias é o interesse efetivo – material e social – das pessoas. E as pessoas comuns terminam por descobrir quais são os partidos políticos, quais são os falsos líderes que são responsáveis pela miséria crescente, pela fome, pelo desemprego e pela mais brutal repressão social. A mídia burguesa – como diria Abraham Lincoln – pode enganar todo mundo durante algum tempo, mas não pode enganar todo mundo o tempo todo.

Por outro lado, a luta contra o racismo e a favor das maiorias trabalhadoras permite – com a defesa dos direitos humanos – reforçar os núcleos de defesa da cidadania negra, da cultura indígena e a cultura afro-ameríndia; reforçar o desenvolvimento da percepção crítica entre as crescentes massas do povo.

Referências:

BRANCOLI, F. Primavera Árabe: Praças, Ruas e Revolta.

HARMOND, Thomas. **Bandeira Vermelha no Afeganistão**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1987.

HEGEL, G.W.F. in: **Kritische Erläuterungen des Hegelschen Systems**, de Karl Rosénkranz. Königsberg, Gebrüder Bornträger, 1840.

LESSA, Carlos. **Crise Internacional e o Brasil depois do atentado**. Notícias da Guerra Assimétrica. São Paulo: Garamond, 2002.

MARTINS, E. **Os homens da guerra**. Rio de Janeiro: A Noite, 1945.

Nota

¹ Doutor em História pelo Instituto de História Econômica pela Universidade de Lund - Faculdade de Ciências Sociais – Suécia. Professor aposentado da Universidade de São Paulo. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8321941578887098>; Orcid: 0000-0001-5710-8037. E-mail: wbarbosa@usp.br

Recebido em: 08 de setembro de 2022

Aprovado em: 11 de setembro de 2022